

Perspectivas históricas nos estudos linguístico-gramaticais: entrevista com Ricardo Cavaliere

Ricardo Cavaliere¹

Jefferson Evaristo²

Cynthia Vilaça³

Leonardo Kaltner⁴

Leonardo Marcotulio⁵

1) Como você descreve a sua trajetória intelectual no campo das Letras e o interesse por temas históricos e historiográficos em sua produção acadêmica? Houve a influência de professores marcantes em sua trajetória para tomar essa decisão?

Diria que minha trajetória iniciou-se ordinariamente, exercendo o magistério em cursos supletivos e colégios particulares, também em cursos preparatórios, vindo a resultar em uma carreira bem-sucedida mais pela perseverança do que pelo talento. Se tenho algum mérito, decerto resume-se ao inconformismo com as conquistas obtidas. Formei-me em Letras em 1974 e cedo iniciei-me no magistério de Língua Portuguesa.

¹ . Professor aposentado da Universidade Federal Fluminense. Pós-doutor em Letras pela UERJ e doutor em Língua Portuguesa pela UFRJ. Imortal da Academia Brasileira de Letras, da Academia Brasileira de Filologia, diretor da Revista Confluência, conselheiro do Real Gabinete Português de Leitura e conselheiro do Liceu Literário Português. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7039-5034>. E-mail: ricardocavaliere@id.uff.br

² Professor de Língua Portuguesa na UERJ. Pós-doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, doutor em Letras pela UERJ e em Letras Neolatinas pela UFRJ. Procientista da UERJ e Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7561-5400>. E-mail: jeffersonpn@yahoo.com.br.

³ Professora de Filologia e Língua Portuguesa da UERJ. Doutora em Linguística Teórica e Descritiva pela Universidade Federal de Minas Gerais, com estágio doutoral na Università degli Studi di Roma Tre (Itália). Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-5397-9034>. E-mail: cynthia.uerj@gmail.com.

⁴ Professor de Língua e Literatura Latina da Universidade Federal Fluminense. Pós-doutor em Letras e Linguagem (UERJ), doutor e mestre em Culturas da Antiguidade Clássica pela UFRJ. É Cientista do Nosso Estado (FAPERJ). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3690-3132>. E-mail: leonardokaltner@gmail.com.

⁵ Professor do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro. Pós-doutor em Linguística Histórica pela Universidade de Santiago de Compostela e doutor em Língua Portuguesa pela UFRJ. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8227-5144>. E-mail: lmarcotulio@ua.pt.

Por sinal, já era professor provisório (título que se dava aos estudantes de Licenciatura à época) desde 1972. Como disse, atuei em muitos colégios particulares, cursos preparatórios e prestei vários concursos para o magistério público municipal, estadual e federal, com êxito em quase todos, de que resultou, a partir de 1985, estar vinculado a dois estabelecimentos de ensino federais: o Colégio Militar do Rio de Janeiro e o Colégio Brigadeiro Newton Braga. Em 1992, ingressei na UFF já com o mestrado concluído, fato que me estimulou a cursar o doutorado.

O interesse pelos estudos historiográficos surgiu no próprio mestrado, em que estudei as denominadas palavras denotativas do português à luz das então novidadeiras teses da semântica argumentativa de Oswald Ducrot. Meu orientador, José Carlos de Azeredo, sugeriu-me também ler o que os antigos gramáticos diziam sobre o tema. Percebi, então, como eram sólidas as teses dos velhos filólogos que cuidaram do tema, sobretudo Said Ali, Mário Barreto e José Oiticica, razão por que usei muito de seu pensamento linguístico em meu trabalho. Ou seja, esses gramáticos que minha geração de linguistas já criticava implacavelmente, taxando-os de ultrapassados, revelavam-se, a meus olhos, estudiosos de impressionante clarividência e sólida formação intelectual. Passaram todos a ser meus companheiros nesta maravilhosa tarefa de investigar os fatos da língua portuguesa.

Quando, em 1992, ingressei na UFF lá encontrei Evanildo Bechara, com quem compartilhei a sala de estudo e permanência. Então, passei a desfrutar de horas deliciosas em que conversávamos sobre antigos nomes como Maximino Maciel, João Ribeiro, Manuel Pacheco da Silva Júnior, Said Ali (obviamente), até que um dia ele me disse: “você é diferente”. Não era propriamente um elogio a minha inteligência, como pode parecer a princípio, mas ao fato de que, em um ambiente em que só se falava de análise do discurso, funcionalismo, pragmatismo e outros ismos, para ele era realmente surpreendente que um jovem professor ainda na faixa dos trinta anos se ocupasse de filólogos do século XIX. Dessas conversas surgiu minha ideia de estudar a gramática científica brasileira no curso de doutorado dentro da Historiografia a linguística.

2) Na universidade, muitos jovens pesquisadores da área de Letras ainda buscam compreender as áreas de pesquisa para ingressar em um campo teórico ou outro. No seu caso, como foi esse trajeto intelectual de integrar redes de pesquisa nacionais e internacionais? As associações científicas, academias, bibliotecas e institutos auxiliam nesse processo?

Hoje, um jovem pesquisador não consegue desenvolver atividade de investigação fora do grupo de pesquisa. Criou-se, por imposição dos órgãos de fomento, essa obrigação de trabalhar em grupo, uma cópia do ambiente universitário norte-americano muito comum em áreas de investigação das ciências naturais. Comprova-o a obrigação que se impôs na UFF e em outras universidades quanto à filiação do pesquisador a um grupo de pesquisa cadastrado no CNPq. No meu caso, inicialmente tentei pesquisar sem conexão com grupos de pesquisa, mas logo percebi que seria difícil fazê-lo sem dialogar com pessoas que já estivessem há mais tempo na área, sobretudo em face da necessária iniciação teórica.

Certo dia, creio que no ano de 1996, a Prof.^a Lúcia Teixeira, minha colega na UFF, disse-me que conhecia uma professora da USP que era muito conceituada por seu trabalho na área da historiografia e da linguística e, por gentileza, deu-me seu número telefônico (na época não se usava o e-mail). Foi assim que conheci a Prof.^a Cristina Altman, introdutora dos estudos historiográficos no Brasil e então coordenadora do GT de Historiografia da Linguística da Anpoll. Ingressei no GT e, a partir de então, minha pesquisa desenvolveu-se com muito maior proveito. Mais tarde, eu próprio assumi a coordenação do GT durante dois mandatos e passei a integrar grupos internacionais como o da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) em Portugal.

3) O senhor é membro atualmente de três prestigiosas Academias no Brasil e no exterior: é acadêmico da Academia Brasileira de Filologia, uma instituição com importante história na trajetória dos estudos filológicos, gramaticais e linguísticos no Brasil; é acadêmico na Academia Brasileira de Letras, o que nos orgulha muito pelo fato de a ABL reconhecer a importância de nossa área de pesquisa em Letras no Brasil; é, ainda, sócio correspondente na Academia das Ciências de Lisboa, uma das mais respeitadas e tradicionais agremiações

do mundo. Qual mensagem você daria aos jovens que ainda estão na universidade sobre instituições como essas, considerando também que elas possam ser um norte para a sua formação intelectual?

Essas instituições gozam do respeito e da credibilidade tanto do mundo científico, quanto do cidadão comum porque são identificadas por um propósito claro, objetivo e idôneo. A Academia Brasileira de Filologia (Abrafil) teve em sua história o concurso de vários dos mais prestigiados filólogos brasileiros, entre eles Joaquim Mattoso Camara Jr., Celso Cunha, Antenor Nascentes e Serafim da Silva Neto. De seus quadros saiu o projeto da NGB de 1959, cujos termos metalinguísticos ainda estão nas salas de aula contemporâneas. A Academia Brasileira de Letras (ABL) e a Academia das Ciências de Lisboa (ACL) reúnem intelectuais de formação diversificada, representantes das áreas científicas e artísticas de seus respectivos países, com o compromisso de abrir o debate democrático sobre os principais temas da conjuntura atual, sem partidarismo ou comprometimento ideológico. Também o Liceu Literário Português e o Real Gabinete Português de Leitura contribuem com projetos importantíssimos na seara linguística e literária. Por tal motivo, todas essas instituições gozam de credibilidade e respeito. Basta consultar a programação anual de palestras, conferências, exposições e atividades várias da ABL para verificar como a Academia desenvolve uma atuação pujante e diversificada na discussão dos grandes temas nacionais. Creio que os jovens investigadores devem ouvir instituições como essas aqui citadas, em complementação das informações obtidas na universidade, para enriquecer sua formação não apenas como estudiosos, mas também como cidadãos

4) Atualmente, além das três Academias já mencionadas, o senhor é professor aposentado da Universidade Federal Fluminense e, também, professor, coordenador e membro do conselho consultivo do Liceu Literário Português, uma centenária e respeitada instituição de promoção dos estudos em língua portuguesa no Brasil. Essas suas variadas atuações se interligam de algum modo, considerando ainda os estudos históricos e gramaticais?

Decerto que se interligam, já que são atividades resultantes de minha trajetória no mundo acadêmico. O Liceu, como você disse, é uma instituição centenária de imensa

contribuição à causa da cultura luso-brasileira. Foi no Liceu que conheci, ainda jovem estudante de Letras, nomes como Domício Proença Filho, Sílvio Elia e Evanildo Bechara devido às palestras periódicas que se ofereciam ao público em geral. Creio que o Liceu passou a ser mais conhecido a partir do período em que funcionou o Curso de Especialização em Língua Portuguesa, onde tive o prazer de conviver com nomes como Rosalvo do Vale, Maximiano de Carvalho e Silva, Horácio Rolim de Freitas e Walmírio Macedo, além do querido Evanildo Bechara. Como esses nomes também eram ligados à UFF, muito aprendi sobre a universidade nas inúmeras conversas e bate-papos de fim de expediente, sobretudo sobre a face interna da universidade. Durante minha trajetória na UFF, em que atuei na chefia do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, no Conselho Universitário, em três mandatos, e na Copemag, órgão que cuidava dos concursos e da progressão funcional docente, muito me vali da experiência desses colegas como norte para procurar tomar decisões justas, imparciais e consoantes com a causa universitária.

5) Em 2022, foi publicada pela Editora Vozes uma obra de sua autoria de valor inestimável para os que investigam questões ou ideias linguísticas em perspectiva histórica. Trata-se da "História da Gramática no Brasil: séculos XVI a XIX". Considerando a impossibilidade de se tratar de história sem documentos escritos que a testemunhem, o senhor poderia falar sobre a sua experiência relativa ao acesso às fontes biográficas e bibliográficas dos autores dos estudos de natureza gramatical citados no seu livro?

Sem dúvida, a tarefa mais penosa na elaboração de uma obra desta envergadura não está na redação, mas no levantamento e consulta das fontes historiográficas. Eu procurei seguir a orientação básica da historiografia da linguística, que conduz o pesquisador a produzir não apenas uma narrativa de fatos e personagens, mas uma análise contextualizada dos fatos históricos, em que se apresente o clima intelectual da época, além de convalidá-los em documentos idôneos. Daí a importância de se selecionarem bem as fontes, sejam escritas ou orais. Vali-me de fontes orais ao conversar com vários filólogos que conheceram gramáticos citados em meu livro, ou que tiveram notícia do

pensamento linguístico desses gramáticos. Entre as fontes escritas, decerto que me vali dos textos canônicos na seara da história política, cultural e artística do Brasil desde a Colônia até a derrocada do Império. Nomes como Wilson Martins, Sérgio Buarque de Holanda, Arno Whelming e Isabel Lustosa estão na bibliografia, assim como os principais historiógrafos da linguística brasileira e portuguesa. As biografias, embora nem sempre gozem de fidedignidade, já que tendem a privilegiar o lado positivo da atuação do biografado, decerto contribuem bastante para o levantamento de dados. Outra fonte riquíssima está nas hemerotecas, que nos fornecem informação de razoável fidedignidade, sempre à luz da leitura crítica do investigador. Enfim, quem se aventura neste campo deve ter vocação de “Sherlock Holmes” para buscar as evidências e, tanto quanto possível, separar o joio do trigo.

6) Ainda em relação às fontes usadas na pesquisa que gerou a “História da Gramática no Brasil”, houve muitos casos em que o senhor, ao consultar edições diferentes de uma mesma gramática, notou mudança significativa no texto realizada por terceiro, isto é, uma mudança que não tenha sido desejada por seu autor intelectual? E quanto a modificações autorais? Estas se restringiram a questões de redação do texto ou revelaram mudança de opinião acerca de algum tópico gramatical?

Isso acontece com frequência, ordinariamente por motivos editoriais, mas em muitos casos pela própria iniciativa do autor. A *Gramática Descritiva* de Maximino Maciel sofreu intensa modificação ao longo de suas oito edições devido ao fato de que o autor progressivamente se inteirava de novos conceitos e resolvia incluí-los na fundamentação dos fatos descritos. A *Gramática Portuguesa* de Augusto Freire da Silva, em sua primeira edição, é praticamente uma cópia da gramática de Sotero dos Reis. Já a partir da 2.^a edição passou a expor conceitos ligados à linguística comparativista. Os *Elementos de Gramática Portuguesa*, de Ernesto Carneiro Ribeiro, viriam a ser modificados por seu filho Ernesto Carneiro Ribeiro Filho a partir da 7.^a edição. E temos o caso famoso da *Gramática Histórica* de Manuel Said Ali, cujo título foi imposto pelo editor à revelia do autor, que, por sinal, nem acreditava que se pudesse escrever uma “gramática histórica”.

7) Sua “História da Gramática no Brasil” aborda o recorte temporal que vai até o século XIX. É possível imaginar, portanto, que haja a possível elaboração de um outro tomo, que venha a completar essa história e que possa abranger também o século XX e, quem sabe, o XXI. O senhor pode nos falar algo sobre isso?

Escrever sobre o percurso da gramaticografia brasileira do português no século XX está em meus planos. Vamos ver se terei ânimo, saúde e vida suficiente para fazê-lo. Posso afirmar, pela leitura que tenho sobre o assunto, que será uma tarefa bem maior do que a já realizada do século XVI ao XIX, já que o século XX é o esplendor da produção gramatical no Brasil. No momento, estou empenhado em outro projeto, bem menor, em que publicarei ensaios filológicos sobre a relação entre língua e religião. Uma vez terminado esse projeto, devo mergulhar na gramaticografia do século XX, cujo esboço já está, digamos, idealizado. Sobre o século XXI, nada escreverei porque isso feriria de morte o princípio da neutralidade epistemológica e do historicismo moderado, ou seja, escrever sobre a história de seu próprio tempo, como fatos e personagens que estão em sua história pessoal, significa escrever uma versão tendenciosa, para dizer o mínimo.

Por sinal, uma dúvida que ainda tenho sobre o próprio século XX diz respeito ao termo *ad quem* de meu relato. Será até a metade do século? Até os anos 70? Isso porque, a partir de minha experiência como estudante de Letras, eu criei um certo “vínculo afetivo” com a teoria estruturalista. Portanto terei de esforçar-me bastante para ser imparcial ao tratar dos gramáticos estruturalistas, manter a necessária neutralidade epistemológica que evite falar bem dos estruturalistas e mal dos gerativistas (já peço perdão antecipado aos gerativistas). Por outro lado, a feição da gramática como obra linguística diversificou-se bastante no último quartel do século passado, muito em face da fragmentação teórica que caracteriza a linguística a partir desse período. Esse fato impõe estabelecer um critério bem ajustado sobre que trabalho merece efetivamente ser incluído em uma história da gramática no Brasil do final do século XX.

8) Uma das questões que chamam a atenção dos linguistas, nomeadamente dos que se dedicam ao estudo da história do português, diz respeito às convergências e divergências entre o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE). Em torno desta questão, costumam posicionar-se dois grupos claramente distintos: de um lado, os que defendem que PB e PE são duas variedades de uma mesma língua; de outro, aqueles que consideram que, em termos gramaticais, PB e PE já poderiam ser línguas diferentes. Como vê este debate e como se posiciona sobre os caminhos percorridos pelo PB e pelo PE? Estaríamos perto de poder falar em uma língua brasileira?

Essa questão de língua brasileira distinta da língua portuguesa só se justifica no plano da política linguística, em que se levam em conta fatores ideológicos. Isso porque, nesse plano, o conceito de língua é fluido e sujeito a intensa volubilidade. Basta dizer que um conhecido linguista brasileiro afirma que o galego e o português são a mesma língua, mas considera línguas distintas o português europeu e o português brasileiro. No plano puramente científico, se entendermos língua como um sistema natural dotado de subsistemas gramatical, lexical e fonológico próprios, não há como afirmar que o sistema falado aqui seja distinto do falado em Portugal, sequer distinto do falado em Moçambique, Angola e outros países lusófonos. Variação lexical e fonética temos dentro das fronteiras nacionais e nem por isso se cogita de afirmar que nos Açores fala-se uma língua distinta da falada no Algarve, apesar uns e outros não se entenderem. No plano lexical igualmente não se pode atribuir à variação de uso um caráter de distinção linguística, pois, se assim o fosse, teríamos, além do português, o nordestino, o amazonense, o sulista etc.

No plano gramatical o sistema da língua oferece um número de construções possíveis que não é usado em sua integralidade por todos os falantes de todas as regiões em que esta língua é falada. Assim, diz-se em Portugal “Vou comer um bacalhau ao Concha d’Ouro”, ao passo que no Brasil diz-se “Vou comer um bacalhau no Concha d’Ouro” ou “Vou ao Concha d’Ouro comer um bacalhau”. Usam-se lá clíticos aglutinados como no verso “A minha morte, não ta dou”, do poeta Pedro Tamen. Por aqui, resolvemos simplesmente apagar os clíticos em sua quase totalidade. Mas, apesar disso tudo, brasileiros entendem as frases portuguesa e vice-versa, visto que são possibilidades do mesmo sistema e cada grupo social escolhe as regras que convém usar.

9) Além da historiografia linguística, vemos, na sua obra, que os estudos sobre variação e mudança linguística estiveram constantemente presentes na sua agenda de trabalho. Estas duas áreas, tão importantes para os estudos linguísticos, infelizmente têm sido ameaçadas por reformas curriculares de algumas universidades que acabam por eliminar essas cadeiras da sua grade curricular. Qual é, do seu ponto de visto, a importância dos estudos de variação e mudança para a formação de um estudante de Letras?

Eu considero que os fatos da variação e da mudança linguística devem ser levados ao conhecimento do aluno, sobretudo porque se trata de um saber científico da língua que certamente norteará suas aulas futuras no ensino fundamental e médio. A questão é que essas áreas não constituem disciplinas propriamente, senão aspectos do percurso da língua e de suas manifestações plurais que estão em todos os setores em que a língua é estudada. Há mudança e variação na fonética, na morfologia, na sintaxe, na semântica etc. Portanto, creio que se deva dar atenção à variação não como disciplina isolada ou própria, mas como aspectos imanentes a cada uma das disciplinas que tradicionalmente compõem o currículo de um curso de Letras. Em outras palavras, ao se falar de fonética e fonologia, toca-se nos temas da variação fonética, assim como, ao se falar de sintaxe, cuida-se dos temas atinentes à variação sintática. Um curso ou disciplina específica para variação ou mudança do português ficaria mais adequado em nível de pós-graduação.

10) Recentemente, ouvimos falar, cada vez mais, sobre a Inteligência Artificial, tanto em relação aos benefícios que pode trazer às distintas áreas do conhecimento, quanto sobre os prejuízos e cuidados que devemos ter em relação às novas ferramentas digitais. Que relação podemos esperar entre as Ciências da Linguagem e a Inteligência Artificial?

Essa é uma questão delicada, porque, sempre que alguma conquista tecnológica chega ao cidadão comum e passa a participar de sua vida ordinária, julgamos ser obrigatório utilizá-la no cotidiano da vida, como se nos sentíssemos ultrapassados ou anacrônicos se não o fizéssemos. O que se vem denominando inteligência artificial são, na realidade, recursos tecnológicos de última geração que cumprem tarefas até então tidas como impossíveis, tais como produzir um filme em que determinada pessoa diz um texto

em várias línguas com sotaque típico do falante nativo dessas línguas. Eu creio que devamos aplicar essa nova e cativante tecnologia no estudo científico das línguas com cautela e parcimônia, pois ainda não sabemos que resultados fidedignos podemos tirar dos usos linguísticos mediante emprego da inteligência artificial. Mas não resta dúvida de que certas atividades profissionais que implicam conhecimento linguístico, como a de tradutor e dublador de filmes, enfrentarão desafios severos em futuro próximo, visto que já se dispõe de programas de tradução cada vez mais eficazes, bem como de recursos que conseguem pôr o texto traduzido na boca do ator estrangeiro, dispensando-se a dublagem.

11) Sua trajetória acadêmica e profissional, absolutamente louvável, foi sempre permeada pelos estudos históricos, assumidos em muitas de suas vertentes. Que conselhos o senhor daria a um jovem pesquisador cujas investigações dependessem de fontes históricas?

Muito obrigado pelo “louvável”, decerto exagerado. Eu diria que é uma carreira exitosa em face não apenas de meu esforço pessoal, mas também das circunstâncias que me ofereceram o apoio e o auxílio de amigos e até mesmo pessoas desconhecidas. Quando avaliamos o passado e tudo que nos ocorreu, parece ter sido um alinhavo predeterminado em que uma dada conquista decorreu de fatos atinentes à vida de terceiros. Exemplifico com minha “virada” profissional a partir de meu ingresso na UFF mediante concurso em 1992: foi realmente um divisor de águas em minha vida, pois passei a desenvolver pesquisa em uma universidade prestigiada, com colegas competentes, desfrutando do mundo acadêmico em sua plenitude. No entanto, nada disso teria acontecido se, em uma tarde perdida no passado, um colega que lecionava comigo no Colégio Militar, Paulo Nascentes, não me tivesse convencido a ir com ele inscrever-me no concurso. Veja: eu disse não por três vezes e ele insistiu até entramos na barca que nos levou a Niterói para fazer a inscrição. Então, eu penso: minha vitória no concurso é uma vitória da perseverança do Paulo Nascentes. Digo isto como uma lição de que não devemos fechar os olhos para as oportunidades que se nos apresentam a cada momento, por mais que aparentem ser impossíveis de concretizar-se.

Quanto aos conselhos aos jovens historiógrafos que dependem de fontes confiáveis, eu diria que devem manter-se atentos a toda informação colhida e buscar sua

ratificação em mais de uma fonte idônea. Nunca se tem certeza de que dada informação é cem por cento confiável, pois a história não é feita de verdades, senão de versões, ou seja, quem investiga fatos históricos se convence de que a verdade é uma hipótese preferível. O melhor caminho é o confronto de versões: quando três ou quatro fontes dão a mesma versão, então podemos elegê-la como confiável. O historiógrafo ama as prateleiras das bibliotecas, as hemerotecas, os depoimentos gravados, os registros fotográficos, enfim tudo que possa contribuir para que chegue ao convencimento, mesmo quando as horas de intenso trabalho tenham-se revelado improdutivas. Afinal, o que nos move e dá prazer não é necessariamente chegar ao destino, mas o prazer de ter percorrido e apreciado o caminho.